

Discurso do Prof. José Paulo Giovanetti

Meu encontro com os Jesuítas

Quero agradecer essa homenagem e dizer que me sinto muito honrado. É, também, com muito prazer que recebo esse carinho das pessoas da Faje.

Quando a gente vai ficando mais idoso, para não dizer mais velho, começamos a fazer um balanço do que se viveu em lugar de projetar o futuro. As boas recordações é que vão dando gás e alegria para percebermos como a vida valeu a pena ser vivida, e nos dão forças para prosseguirmos.

Assim, gostaria de retribuir essa homenagem, destacando alguns pontos da minha convivência com os jesuítas. Convivência essa que se estendeu desde a primeira série do antigo ginásio (1960) até os dias de hoje, com pequenas interrupções. Só aqui, na Faje, já se vão 29 anos e meio. Daí o título da minha fala: *Meu encontro com os jesuítas*.

A convivência foi longa e intensa no percurso da minha vida. Como disse, ela começou no ano de 1960 quando entrei para a primeira série do ginásio, hoje, segundo segmento do ensino fundamental, no antigo Colégio Imaculada, de Juiz de Fora – que tem agora o nome de Colégio dos Jesuítas. Fiz parte, também, da turma fundadora do curso científico do colégio. Tenho comigo a foto dos 20 “mosqueteiros” que junto com o Pe. José da Costa Aguiar, iniciaram a aventura do hoje ensino médio no Colégio Imaculada.

Essa convivência se estendeu até hoje no trabalho direto aqui na Faje. Entretanto, entre os anos 75 e 87, ano em que vim trabalhar aqui como professor dessa instituição, o contato com os jesuítas ficou distante. Durante esse período, organizei minha vida profissional e a preparação acadêmica com o mestrado e doutorado em Psicologia. Porém, os laços de amizade entre antigos companheiros de caminhada religiosa e com alguns ex-formadores manteve viva a relação estreita com o ideal jesuítico.

Quero, nesta noite, destacar alguns acontecimentos ao longo dessa história os quais foram decisivos na minha trajetória intelectual e existencial. Poderia destacar vários encontros e a lista seria grande e talvez cansativa. Mas três encontros merecem ser lembrados como marcas pessoais que vieram a se constituir como parte do meu modo de ser.

A primeira remonta ao ano de 1964 ainda em Juiz de Fora. Eu era um aluno do colégio e cursava o segundo científico – hoje, segundo ano do ensino médio. Sofri um acidente e tive que ser operado da perna esquerda, ficando engessado uns três meses. Isso no auge dos meus 16 anos. O nome do padre jesuíta que me visitava quase toda semana, se bem me lembro, era Pe. Vitoriano.

Para alimentar a minha paciência e ajudar-me na recuperação, cada semana, levava um pequeno livro (todos de capa azul) que narrava a vida dos santos da Companhia. Foi aí que li a vida de Santo Inácio, São Roberto Belarmino, São Francisco Xavier, São Luís Gonzaga e muitos outros. Se me perguntarem hoje os detalhes de cada uma dessas vidas, não saberia contar, mas uma coisa ficou impregnada na minha memória e que levei para a vida: “querer ajudar as pessoas”. Essa foi a primeira marca jesuítica registrada por meio da história de vida de seus fundadores.

O segundo encontro decisivo foi ter encontrado, na filosofia, a pessoa do Pe. Vaz. Este encontro, do ponto de vista intelectual, marcou de forma magistral o meu caminhar. O convívio com o Pe. Vaz – primeiro por meio da orientação do trabalho final de Filosofia e depois na convivência de um ano na cúria jesuíta de Belo Horizonte, estudando filosofia sob sua orientação – marcou o meu pensar.

Desse encontro, tirei para a vida duas orientações intelectuais básicas que hoje alicerçam o meu trabalho profissional, seja como professor, seja como psicólogo.

A primeira é a seguinte: para se entender bem um problema, é necessário uma visão histórica da questão. Pe. Vaz sempre colocou nas suas falas a perspectiva histórica como farol que possibilita compreender melhor o que está sendo desenvolvido. Por exemplo: para se entender o lugar do humanismo na modernidade tardia, é necessário ver como esse humanismo se estruturou na visão clássica e os seus desdobramentos. A visão histórica amplia o nosso entender, ajudando-nos a compreender melhor a especificidade do momento.

A segunda orientação intelectual saiu de sua antropologia filosófica. Sem uma visão de homem – explícita ou implícita – nosso trabalho como professor ou como psicólogo perde o rumo. E mais, num mundo tão fragmentado uma visão de homem mais abrangente possível – que leva em consideração todas as dimensões do humano – é uma belíssima ferramenta de trabalho. É, assim que, hoje, no ensino da Psicologia, uma

ciência particular, procuro embasá-la numa visão filosófica mais apurada. Desta forma, o trabalho do psicólogo ganha uma grande fundamentação e um olhar diferenciado sobre o ser humano.

Do ponto de vista existencial, esse contato de dois anos (um na cúria e outro quando era mestre no Colégio Loyola de onde todas as terças e quintas ia encontrá-lo na cúria para jantarmos juntos e depois levá-lo, como motorista e aluno, para suas aulas na UFMG, sobre *A Fenomenologia do Espírito*, de Hegel) ensinou-me algo que não se aprende em livros. O respeito à liberdade do outro. No decorrer de um ano em que foi meu superior, nunca me questionou a respeito do meu dia-a-dia, incluindo os encontros que mantinha com o grupo de jovens do movimento CJC (Curso de Juventude Cristã), dirigido pelos padres jesuítas. Aprendi na prática que liberdade gera responsabilidade.

O terceiro encontro decisivo e marcante na minha caminhada foi com o Pe. Oscar Müller. Tive com ele várias conversas nos diversos retiros que fiz sob sua orientação e posteriormente nos encontros de casais. Esse encontro ajudou-me na reorientação de meu caminhar existencial no Natal de 1974.

Com Pe. Müller, descobri que a gente quer sempre ajudar os outros, mas que alguns entraves psicológicos nos impedem e esses entraves muitas vezes nos atrapalham viver em paz e ajudar melhor os outros. É uma ferida emocional que carregamos dentro de nós... A partir daí, fiz uma pequena virada na vida. Sem deixar totalmente de lado a Filosofia (veja-se os ensinamentos do Pe. Vaz que carrego comigo) comecei a direcionar-me para a Psicologia, profissão que passou a orientar minha prática e também a minha vida de professor. Hoje, dedico-me mais à reflexão clínica que à prática clínica. Afastei-me da profissão de filósofo, mas não deixei de usar a Filosofia no meu trabalho.

Existencialmente, encontrei no Pe. Müller o mesmo que encontrara no Pe. Vaz: o respeito profundo à liberdade pessoal. O Pe. Müller ajudou-me a encontrar o meu caminho nessa existência, a olhar para o mais profundo de mim mesmo e a desenvolver os talentos que possuía.

Com seus ensinamentos e com sua postura de vida encontrei duas máximas existenciais que marcaram de forma definitiva o meu caminhar.

A primeira é: "querer fazer o bem". É a intenção que conta, pois entraves psicológicos podem impedir a minha vontade. Comecei a dedicar-me a compreender o dinamismo desses entraves. Isso conduziu-me ao tema da minha tese de doutorado, em que tento entender o processo afetivo do ser humano.

A outra máxima de Müller que levo para a vida é: "a vontade de Deus é a minha vontade". Deus quer o meu bem e não que eu sofra para ajudar os outros. A forma de ajudar os outros tem que brotar do mais profundo do seu ser.

Ora, ao escrever essas linhas, espantado e admirado me dei conta de uma coisa: sou mais jesuíta do que poderia imaginar. A presença da formação jesuítica está enraizada em mim e marca a minha maneira de viver. Sou muito grato pela oportunidade de, ao longo da minha vida, ter vivenciado essa experiência.

Para terminar, embora tenha destacado esses três encontros que foram os mais marcantes, quero agradecer aos demais jesuítas com quem tive contato ao longo desses anos. Se tentar enumerá-los, posso cometer alguma injustiça esquecendo alguns nomes.

Entretanto, com profunda gratidão, gostaria de destacar as figuras dos seguintes jesuítas: o acolhimento do Pe. Marcelo Azevedo, provincial da goiana mineira; o Pe. Joaquim Pereira, mestre dos noviços que me iniciou existencialmente na tarefa de ser um ser humano honesto e íntegro; o Pe. MacDowell que me proporcionou o contato com uma filosofia mais arejada nos idos anos da Faculdade Anchieta de São Paulo (FASP), na década de 70, com suas aulas de Metafísica; o Pe. Libanio, prefeito de estudo dos filósofos, que foi o responsável pelo meu contato direto com o Pe. Vaz; o Pe. Marcelo Aquino que me convidou para trabalhar na Faje.

Não poderia esquecer ainda, nesses 29 anos e meio, o convívio com os colegas de trabalho e ex-alunos, hoje já ocupando o lugar dos antigos mestres, os quais me desafiam na busca incessante do conhecimento.

E mais, deixo o meu agradecimento a todos os jesuítas com quem um dia na minha vida partilhei algo.

Por fim, quero agradecer a essa instituição e em especial aos membros da comissão que propuseram essa homenagem. Agradeço a oportunidade de poder publicamente expressar o meu carinho para com essa instituição, por meio dos seus membros acima lembrados e dizer, por meio de uma inserção particular e singular na sociedade e na Faje, o quão importante foi e está sendo poder participar da missão dos jesuítas nesse mundo.

Não posso esquecer-me dos amigos aqui presentes, nesse dia tão significativo da minha vida.

A todos o meu muito obrigado!